

O inconsciente a céu aberto I[♦]

(alucinação e sujeito)

Marcus André Vieira

Agradeço ao colegiado do curso pelo convite. Fico feliz por novamente poder trabalhar com vocês, o que tem sido sempre rico, e especialmente nessa modalidade de trabalho que exige uma participação mais intensa que o de uma conferência. É o que pede o tema, inclusive, pois não dá para trabalhar com a loucura a não ser se envolvendo. Não no sentido de gastar todo seu tempo energia - apesar de que, costuma acontecer - mas no de mergulho e seriedade. Sendo nestes dias o encerramento do curso, supus que uma retomada minha de grandes temas pudesse servir para uma sedimentação do percurso. Por isso escolhi *Alucinação e Delírio* que são duas pedreiras para a gente escalar como puder.

Esquematizei da seguinte forma: “Alucinação” para a manhã e “Delírio” para a parte da tarde. Basicamente, o que vou tentar é atravessar um pouco as referências que já conhecemos, ou a que alguns de vocês foram apresentados e tiveram contato neste curso. Por isso escolhi duas referências conhecidas e famosas de Freud, também esquematicamente, uma para a manhã e outra para a tarde.

A primeira é a ideia de que na psicose estamos diante do inconsciente a céu aberto. No segundo tempo, vamos nos centrar no tema do delírio como tentativa de cura, também bastante conhecido, mas que gera certo número de problemas e dificuldades. Buscarei um olhar um pouco deslocado, porque senão eu vou chover no molhado. Vamos visar extrair consequências, especialmente clínicas, dessas indicações de Freud a partir do modo como Lacan as retomou.

Vou primeiramente apresentar uma pequena sequência ordenada de minhas ideias, boa parte das quais extraio do seminário “A presença do Outro” que sustentei este ano na EBP, e a seguir dar tempo para o debate ou para a conversa. Interrompam-me à vontade porque o clima que a gente tem aqui não é exatamente de uma conferência.

Neurologia e literatura

Pensei em começar por algumas considerações sobre a relação entre Lacan e Freud. Vocês concordariam comigo se digo que Lacan é mais coerente que Freud? Não precisam concordar, mas tentem partir desse ponto comigo: Lacan depura e formaliza as ferramentas freudianas. E isso dá um alcance bem mais vasto a Freud. Será nossa premissa.

Uma série de indicações de Freud ganham um aparelhamento que as permite incidir, por exemplo, sobre a loucura. A partir do ensino de Lacan, parte do arsenal freudiano é reunida e dirigida para trabalhar com a loucura. Na prática foi o que aconteceu. Pelo menos no Brasil, se existe uma presença da psicanálise na saúde mental, em grande parte se deve ao trabalho de Lacan, mesmo que não sejam todos lacanianos, ou, dito em outros termos como destacou J. A. Miller certa vez, somos todos lacanianos, mesmo os que não sabem disso.

[♦] Conferência ministrada na Delegação Paraíba da Escola Brasileira de Psicanálise como seminário em dois tempos na Jornada Clínica da Delegação (publicada como Vieira, M. A. “Variações sobre o inconsciente a céu aberto, Seminário I: A alucinação do sujeito”, *Falasser*, n. 5, EBP-PB, João Pessoa, pp. 53-72). Agradeço aos colegas pelos bons encontros e especialmente a Sandra Conrado e Cassandra Dias pela transcrição e revisão. Boa parte do que desenvolvo nos dois encontros deste seminário apoia-se no Curso Livre do ICP-RJ “A presença do Outro”, realizado no primeiro semestre de 2009 na Seção-Rio da Escola Brasileira de Psicanálise por Marcus André Vieira.

Temos que assumir, igualmente, a existência de pontos de divergência. Não é a mesma coisa acessar Freud com ou sem Lacan e isso se realiza no plano das consequências clínicas. Para ir rápido: o texto freudiano não impede uma leitura médica, uma leitura neuronal da loucura. É possível se extrair de Freud uma leitura neuronal da loucura. Não porque ele foi neurologista, mas porque fazia sentido para ele que a coisa se organizasse dessa maneira, fazia sentido para ele que a psicanálise fosse vista como uma ciência médica. O que não quer dizer que sua invenção foi uma neurologia.

Muitos ainda pensam que Freud lidava com a loucura como se ela fosse uma doença, no sentido orgânico. Como se houvesse um substrato orgânico, uma lesão, alguma coisa a localizar no cérebro, uma disfunção em algum lugar, uma base genética, neurotransmissores... O fato é que é material, é concreto e que, ao menos em tese, poderia ser corrigida como faz um mecânico com um carro ou um técnico de informática com um aplicativo no computador. É mais ou menos a proposta da neurologia. Algumas indicações de Freud, especialmente sobre a loucura, poderiam ser lidas dessa maneira.

Lacan não. Ele faz tudo para que a coisa freudiana não seja objetivável, justamente porque estava advertido dos perigos de uma leitura essencialmente médica de Freud, essencialmente organicista e que está viva até hoje. Existem muitos que propõem o casamento da psicanálise com as neurociências no sentido de um: *finalmente encontramos o inconsciente*. É o que hoje se chama neuropsicanálise.

Os psicanalistas podem pensar que isso seria uma boa notícia, mas ela vem dizer que agora podemos realizar com o bisturi o que Freud, por ser um gênio, mas limitado pela técnica de seu tempo, só podia tentar aproximar com a palavra, cheia de impurezas subjetivas e de eficácia limitada.

Existem várias indicações de Freud neste sentido, apesar de algumas irem no sentido do organicismo do inconsciente. Freud, em uma passagem destacada por Derrida a que dei lugar de honra em meu livro *Restos*, localiza, por exemplo, o *inconsciente entre os órgãos*.¹ Como assim, entre os órgãos? O inconsciente é para ele como uma imagem dentro de uma câmera de fotografia, exatamente algo muito mais funcional e virtual do que concreto.

Lacan queria, ao contrário, tornar evidente que tanto o inconsciente quanto a loucura *não são coisas que estão no corpo*. Para essas coisas do inconsciente, portanto, a literatura pode ser uma ferramenta tão boa quanto as neurociências.

Os dois falam da mesma coisa, só que um lutando para que não se possa pensar essa coisa como algo orgânico e o outro concedendo a isso, o que gera linguagens diferentes, mas que se articulam. Que coisa é essa? É o que justamente não se consegue dizer, é qualquer coisa de inominável, de estranho, de insuportável, que não encaixa.

Neste sentido, há uma proximidade entre inconsciente e loucura? De alguma maneira, sim. Existe alguma relação entre a loucura e o inconsciente. Se não, porque a psicanálise teria algo a dizer sobre a primeira? Com todas as distâncias guardadas, existe alguma proximidade entre o que sofre um psicótico ou um louco e o que sofremos todos nós, entre o que acontece numa análise e o que acontece no tratamento da psicose.

Inconsciente e loucura

Alguém vai ao analista para falar de alguma coisa que da qual não sabe bem falar, mas que necessariamente tem a ver consigo. Esse é o paradoxo fundamental do inconsciente, o inconsciente tem a ver comigo, mas não me identifico com o que ele traz. É bem verdade que logo a seguir que o material inconsciente se apresenta, posso assumi-lo, e adorar aquilo, mas há sempre um instante de estranhamento ou ao menos surpresa.

No que nos habita há coisas muito estranhas e elas ganham a cena, de modo violento, também quando alguém fica louco. Claro que há um mundo de diferenças, mas se a gente não fizer o

primeiro passo de aproximação dos dois, vai parecer que são duas especialidades completamente distintas: o psicanalista quando lida com o inconsciente e o psicanalista quando lida com a loucura. O desafio é manter essa aproximação e ao mesmo tempo mostrar as diferenças. Lacan insistiu nas diferenças para não fazer confusão. Certo, por isso mesmo temos que começar com as semelhanças. Quando falamos em loucura, estaremos nos referindo a um estranho radical em nós. O “radical”, aqui, é tão extremado que Lacan inventou um conceito para localizá-lo em sua ruptura com qualquer noção intuitiva, do senso comum, a forclusão. Voltaremos a isso.

O que faz uma análise com o estranho? Para começar, não faz, não tenta explicá-lo. Quem, diante dessa coisa, diz: *“eu entendo, vou explicar...”*, quem pretende dar o contorno dela, objetivá-la, não é o analista, mas sim a medicina científica. Ela faz, inclusive, um bem danado à gente, pois nos acalma ao dar a impressão de que dessa coisa incompreensível, alguém tem a chave e as rédeas.

O *Freud explica* conhecido bordão para caracterizar a psicanálise é uma inverdade. O slogan sintetiza um modo que Freud encontrou para ser incluído em um mundo que recusava a peste da loucura de cada um. Ele dá a impressão de que assim como a medicina explica as doenças do corpo, a psicanálise explica as doenças da alma, de que ela seria apenas uma especialidade da grande ciência médica. Certo, há todo um universo de explicações produzidas por uma análise, mas não é essa a visada do analista. Vale tanto para a clínica psicanalítica, digamos, mais clássica, quanto para o tratamento psicanalítico da loucura. É uma tendência irresistível: quando um amigo ou parente surta, queremos, precisamos saber “o que é isso?”, alguém me explique, por favor. Mas o analista tem outra proposta. Ele mergulha.

Este seu mergulho não se faz, assim de qualquer jeito senão seriam dois surtando e só. Para começar, ele nomeia. Essa coisa estranha não ficará só como “loucura” ou “coisa estranha”. Chamaremos, com Lacan, de psicose. Por que não esquizofrenia, já que hoje em dia o termo está saindo de cena. “Psicose” ainda está no CID, mas não está mais no DSM e provavelmente no CID 10 não estará mais.

Psicose e estrutura

Para a neurologia de hoje, “psicose” é vago, fala de uma psiquiatria de outra época, pouco objetiva e contaminada por essa coisa confusa chamada psicanálise.

Mantemos “psicose” por isso. Esquizofrenia nomeia a loucura como uma patologia, em tese bem definida a que corresponde uma lesão ou disfunção bem delimitadas. Mas não é só por isso. Psicose sustenta uma ideia que está também saindo de cena na civilização: a de que há coisas sem remédio, que se inscrevem na duração de uma vida como parte integrante dela. A esquizofrenia é hoje essencialmente tida como um estado, que dá e passa: *“fiquei esquizofrênico”* e não mais *“sou esquizofrênico”*. Parece bom, mas não é. Não nesse caso.

Somos banhados na ideia de que tudo pode acontecer com o ser humano, assim como tudo pode desacontecer. “Podemos corrigir tudo” + “podemos voltar ao estado de graça original”. Não é esse o clima geral? Faço tatuagem com o nome do amado e depois desfaço. É o verso do Vinícius pelo avesso. Em vez de “que não seja imortal, posto que é chama, mas que seja eterno enquanto dure”, hoje é “que não seja eterno, posto que chama, mas que seja mortal, mesmo quando dure”. Então, por que eu ia pensar que a esquizofrenia seria uma coisa inelutável? A moda das classificações é pensar a esquizofrenia como um estado e não como um ser. Nós resistimos, porque a psicose, como estado tem um valor clínico imediato, pragmático. Não adianta dizer a um psicótico que a experiência do mundo é a de que o que ele tem dá e passa, pois ele está às voltas com uma certeza quanto a um modo diferente de conceber a experiência do mundo.

A psiquiatria clássica sempre marcou a ideia de que todo mundo pode ficar louco, mas que parte desse “todo mundo” apresenta a loucura de modo indissociável de seu ser, do mais

próprio do si mesmo e que por isso não o abandona como uma gripe faz. Ela construiu várias maneiras de falar disso. Uma boa parte delas, de fazer uma diferença entre “surto” e “doença” psicóticos, que hoje ainda se encontra entre esquizofrenia “aguda” ou “residual”.

Aquilo que, lá nos primórdios, Kraepelin descreveu como demência precoce, termo que marcava uma evolução, um presente e um futuro, agora é um estado. Aos 18 anos, 20 anos, alguma coisa acontece, degradinga tudo e depois a reconstrução é sofrida, às vezes volta próximo do que era, mas daqui a pouco cai de novo, dura, vai se inscrevendo no tempo. Não acontece com todos que surtam, mas acontece com grande parte dos que surtam desse jeito. Costuma dar em uma vida bastante sofrida para o sujeito e para quem está em volta. Isso costumava se chamar doença. Na nomeação de Kraepelin, em seu diagnóstico, estava embutido um “*você agora vai padecer e se tornar num demente em idade precoce*”. O termo “psicose” guarda algo disso, não do vaticínio terrível, mas da presença de um processo que acompanha a linha da vida.

Ao mesmo tempo, o surto psicótico sustenta que este processo é uma ruptura. É o que Jaspers marcava com dois termos “desenvolvimento” e “processo”. A psicose é sempre em ruptura com o que o Outro esperava do sujeito. Não é um desenvolvimento compreensível que, mesmo exagerado e enlouquecido é congruente com a personalidade, como as obsessões com relação à limpeza, por exemplo. Não. É ruptura, não se entende, não se explica pela história e pelos acontecimentos da vida. É esse caráter de ruptura com o sentido que faz com que os neurologistas apostem em uma causa extra-psíquica, dita orgânica.

Usamos “psicose” para assumir que a loucura pode se inscrever no real do sujeito de modo intrínseco. É o que define o termo “estrutura”. Estrutura para dizer exatamente que não vai ser tão fácil assim e que talvez seja impossível pensar que alguém que adoce dessa maneira vai daqui a pouco ser outra pessoa. Não quer dizer que necessariamente vai degradingar, mas que a sua maneira de estar bem, não será a mesma de outros.

A ideia de estrutura é fundamental, ainda mais nos nossos tempos. É o que define o famoso aforismo de Lacan “não é louco quem quer”.² Na hora em que dizemos que a psicose não é para qualquer um, também temos que dizer: “a psicose não está no real” ou “a estrutura não está no real”. Porque senão voltamos para a medicina que diz “a psicose é orgânica”. Posso até dizer que é psíquico, nada muda se eu tomar a psicose como algo que não se mexe, que está fora do registro da linguagem e da cultura.

A estrutura não é orgânica, não está no real. Então, ela está onde? Ai a gente pode dizer, sem problemas, que a psicose é um modo específico de relação com o mundo, um modo específico de estar no Outro, de estruturação de si, por isso mesmo tão rígido. No entanto, quem diz, estruturação de si no Outro, fala da constituição de alguma coisa louca no campo relacional e não no surgimento dessa loucura como fora deste campo, vinda de um real externo.

Então, a estrutura é um kit relacional, uma base de relações que estruturam tudo, inclusive o acesso ao real. Um exemplo, o mais simples, que me veio da conversa com alguns aqui ontem. Nosso cabelo. A medicina diz “você tem o cabelo crespo, mas com nosso arsenal técnico, ele será liso”. Mentira. Será um crespo-alisado. Em contrapartida, tomar o cabelo dentro de uma estrutura, no sentido lacaniano, não será dizer: “tendo um cabelo crespo o importante é o modo como você se relaciona com o mundo”. Isso mantém o cabelo como ser e desloca a ênfase para uma onipotência cultural ingênua. A estrutura é um modo de relações com o mundo que define o cabelo. Lacan diria “se você não levar em conta o modo como, no Outro, seu cabelo é duro, nunca poderá torná-lo realmente outra coisa” (*risos*). Vamos esquecer por hora o cabelo, ou como alguém o chamou ontem, o “objeto capilar” porque ele mobiliza muitos corações e mentes, especialmente femininos (*risos*).

O Outro

Para que isso fique mais claro em um plano conceitual, vamos retomar o tema da estrutura com relação ao que Lacan define como Outro. O que é esse Outro? Rapidamente: a linguagem em um sentido amplo, quase sinônimo de cultura. É preciso radicalizar um pouco mais, a linguagem, desde que se assuma que ela não é uma superestrutura, um verniz civilizatório do mundo primitivo de onde viemos, mas uma dimensão sem a qual não há nem mundo, nem primitivo. Se estamos na linguagem, somos. Se não, não somos. Não há Mogli, não há Tarzan. O que caracteriza e define o humano em nós é que largado na selva ele morre. Isso gera muita polêmica, poderíamos ficar horas discutindo. Quando dizemos que Mogli e Tarzan não existem, quem somos nós para saber? Quem é Lacan para saber? Para deixar essa polêmica inútil para trás, digamos que essa premissa não deve ser pensada como incidindo sobre a humanidade, mas sim como uma ferramenta para o trabalho do analista. Partamos da premissa que não há ninguém que não esteja na linguagem porque a linguagem é que nos faz todos e chamemos isso de Outro. Não há ninguém que não esteja no Outro porque é o Outro que nos faz e se eu não estiver no Outro, eu não estou em lugar nenhum, eu não sou nada. Se você não partir dessa ideia, vai lidar com o psicótico como se ele fosse um macaquinho ou um degingolado neurológico que se perdeu da morada do Outro, no primeiro caso, ou ainda não chegou nela, no outro. Não preciso detalhar o quanto isso pode ser violento.

Não é “o ser humano” é assim, mas “para cada analisante, tenho que fazer como se o mais humano nele fosse assim”, tudo ou nada. É assumir que o mais humano em nós é exatamente o mais fora de esquadro, sem instintos de sobrevivências ou leis de adaptação, ou seja, o mais estranho. De outro modo, nunca chegaremos à profunda estranheza da singularidade para cada um e para as invenções que fizemos para lhe dar lugar. A ideia de um ser primitivo é a roupagem mais óbvia para esse estranho em nós que o domestica de saída, pois ele passa a ser regrado pelas leis do mundo animal. Se o analista compra essa, adeus.

Li recentemente *Alex & Eu* que narra a relação de uma bióloga, pesquisadora americana, com seu papagaio, que fazia coisas espantosas no plano da linguagem e que viveu com ela por 30 anos... É de uma tristeza imensa. Não apenas porque ele morreu, mas porque o sonho de uma relação natural com os animais, de uma linguagem original comum, primitiva, rudimentar, mas comum, é bastante abalado. Ela quer demonstrar que os animais falam, e demonstra. Eles falam, claro, também estão na linguagem, mas nada economiza uma enorme ruptura, que só transparece mais ainda deste relato.

A loucura é então um modo distinto de estar na linguagem, entendendo a linguagem como a base de tudo, algo que nos banha. Tudo é linguagem, não no sentido da vulgarização ou como diz Lacan, verbalização. Mas ela ensina que este banho é e sempre será, *heteros*. “Outro” é constitutivo, mas é alteridade. Dessa forma, se um papagaio vier fazer análise, assumiremos que ele também está em ruptura consigo mesmo porque o que nos caracteriza é essa ruptura interna, esse real que nos habita e nos descentra infalivelmente.

Isso posto, a constituição de si, entre o Outro e o real tem, para Lacan três modos paradigmáticos. Aparece a distinção famosa entre neurose, psicose e perversão que todos nós conhecemos. Foi uma forma de Lacan marcar três modos, três kits básicos de estar na linguagem, que não é fácil mudar e que eu vou resumir com uma metáfora.³

Imaginem alguém no ponto de ônibus. Se ele for psicótico, ele é analfabeto funcional. Ele sabe pegar o ônibus, mas não sabe ler. Ele está na linguagem, sabe a cor correta, os números talvez, enfim, os signos que são lidos para que ele tome o ônibus correto. Até decora o número, eventualmente até sabe escrever, mas não sabe usar as letras como aquele que definimos como alfabetizado. Ele sabe pegar o ônibus e ninguém percebe nenhuma diferença, se tudo deu certo. Como ele não lê da mesma maneira, a coisa pode degingolar. Basta que ele vá para outro país, para que ele tenha sérios problemas, um pouco como qualquer um de nós que vá para um país com outro alfabeto, a Rússia, por exemplo. Ele começa a se enrolar e às vezes se perde, como um amigo meu que me contou que estava na Alemanha, saiu do hotel e anotou muito direitinho a placa da rua porque não quis correr o risco. Foi para o restaurante e na volta

mostrou o que havia copiado ao motorista do táxi. Deu aquela confusão, o taxista não entendia, até que chamou alguém que falava também inglês. O sujeito leu e disse “aí está escrito *rua sem saída*” (*risos*).

Apesar de impasses como esse é difícil dizer que o psicótico é um aleijado, um incompetente. Num certo sentido sim, mas pode haver vantagem por outro lado, ele vai prestar atenção em coisas que escapam ao neurótico. O neurótico é aquele que lê, mas apenas através dos óculos do pai. Grandes criações, grandes invenções com linguagem e tal não vai ser muito atributo da neurose porque ele é viciado em ler com as mesmas lentes. A gente entende isso, para quem não tem a experiência da psicose, quando observa a relação entre homens e mulheres. Os homens só conseguem ler de um jeito, as mulheres só de vários ao mesmo tempo, por isso dizemos que ela é mais doida.

Então um analfabeto funcional pega o ônibus eventualmente sem problema, mas se pedimos a ele que produza alguma coisa a partir da leitura do Pai, talvez ele não consiga e se for forçado a isso, talvez ele tenha uma crise. Não porque ele quer esconder sua “deficiência”, mas porque isso desmonta o sistema que ele tinha construído para navegar no trânsito da cidade. É o que chamamos de surto. E o perverso? Sem desenvolver: ele é aquele que deixa, de propósito, os óculos do Pai em casa.

O essencial é perceber e trabalhar um pouco a ideia de que alguém está em uma exterioridade relativa ao sistema comum de leitura simbólica. Com a metáfora dos óculos entende-se melhor. Como define Lacan, o psicótico está “em exterioridade com relação ao simbólico”, mas não com relação ao Outro, podemos acrescentar. Basta que se entenda o simbólico como um determinado sistema de leitura. Ele também está no Outro, também está na linguagem, mas navega na linguagem de outra maneira e nela tem que se virar com o real como algo que sempre será estranho. Por isso os delírios que ele elabora, deste ponto de vista radical, são análogos das fantasias dos neuróticos. É uma perspectiva parcialmente transestrutural, que o curso de J. A. Miller, especialmente o recente “todo mundo é louco” nos permite perceber.⁴

Donde se conclui que o real é exterior à linguagem. É a vida exterior à linguagem. Nossa pergunta, após tantas premissas, passa a ser: O que é a vida quando, o modo de junção entre Outro e real é psicótico? É isso o que a alucinação vai ser uma maneira de mapear, não mais uma metáfora, mas uma experiência subjetiva bem concreta.

Concluindo esse grande levantamento de nossas premissas, chegamos a um paradoxo, que a alucinação vai deixar claro. Esses sujeitos que a gente conhece que estão numa certa relação de exterioridade com o simbólico, não estão do lado de fora. Não estão mais próximos do real, ao mesmo tempo estão em exterioridade com relação ao Outro. Para essas pessoas, que a gente conhece e que chamamos esquizofrênicos, as duas coisas estão presentes. Há uma exterioridade com relação aos sentidos da cultura e da tradição, por exemplo, que para nós são tão óbvios. Ao mesmo tempo em que eles parecem fora, distantes do Outro, eles estão numa relação de presença com o Outro – o Outro é presente de uma maneira maciça, muito violenta. Essa alteridade constitutiva é radical e terrível. Então como é que pode ele está de fora e ao mesmo tempo invadido, presentemente, excessivamente por um Outro tão violento?

A presença do Outro

A “presença do Outro” foi a expressão que destaquei de Lacan, no Seminário 10, sobre essa diferença que vai nos interessar para desdobrar o paradoxo da vivência psicótica. Em vez do simbólico e do real, em vez de dizer que os neuróticos são mais simbólicos e os psicóticos mais “do real”, que fica sempre carregado de preconceitos perigosos, digamos que eles estão em exterioridade com relação ao Outro como caldo cultural, mas de modo nenhum com relação à sua presença.

Lacan define essa presença da seguinte maneira: “Na análise às vezes existe o que é anterior a tudo o que possamos elaborar ou compreender. Chamarei a isso presença do Outro”.⁵

Então, na análise, não é no hospital, nem no CAPS, porque é obvio que isso está lá. O que é surpreendente é ele falar disso na própria análise para dar aquele laço com o *Outrem*. Então, “existe a presença do Outro, algo que é anterior a tudo o que possamos elaborar ou compreender”.

Com alguma experiência trabalhando com o psicótico, a gente vê como eles estão lidando com a presença de uma forma difícil de imaginar porque ela é muito maciça. Às vezes, na análise, porque estamos desconstruindo nós mesmos, caminhando de uma maneira muito radical, no trabalho de uma exploração de si, de vez em quando a gente encontra essa presença. Por exemplo, alguma lembrança, alguma cena que fala de um momento quando criança que eu era se deparou com a presença do Outro. Estar no colo do pai, por exemplo, e aquilo vem com uma força e um peso que não dá nem para explicar. É para isso que Lacan está chamando a atenção, dizendo que vez em quando na análise, a gente topa com isso. Por isso que quando alguém pergunta o que você descobriu na sua análise são sempre coisas que de fora parecem nada comparadas com o peso que adquirem. Talvez a boa resposta fosse “Ah, descobri a presença do Outro” (*risos*).

A análise é um sistema controlado de exploração e todo um ritual que força essa presença a se manifestar, e ao mesmo tempo a mantê-la enquadrada, pela relação transferencial, por exemplo. Imaginem essa presença na vida concreta, sem amarras, sem limites. É isso um surto psicótico.

Segundo passo para caracterizar essa presença maciça do Outro. Ela é anterior à tudo o que possamos elaborar ou compreender, incluindo nisso a própria noção de alteridade. O que é a alteridade? O diferente? Isso é pouco, pois a própria noção de diferença é light com relação a essa radical alteridade. A ideia de “incluir as diferenças” é bem fraca. Aceitar as diferenças supõe que sejam diferenças bem-comportadas. A gente chama de anterior para dar uma idéia de que ela é mais bruta, ela é anterior à constituição do próprio corpo, porque nosso corpo garantido, você está aí e eu estou aqui, não vai ter problema. Agora se eu estou falando de uma presença que é anterior a isso, eu estou falando também de uma presença que não respeita as fronteiras ou que dissolve as fronteiras ou então, se essa presença está, essas fronteiras não estão tão garantidas. É esse tipo de presença.

Quando Freud fala sobre a relação mãe-bebê e diz que no começo - a criança se vive como uma extensão da mãe - é para falar dessa presença. Se sou um pedaço, uma extensão, sou completamente tomado, completamente dominado, não tenho nada individual. É disso que Freud está falando quando se refere à simbiose original e mítica entre mãe e bebê. Não são duas pessoas que se amaram tanto, acasalaram-se tanto que se fundiram que é como a gente pensa. Não, são dois *eus* que até por não conseguirem nunca realmente se fundir sonham com isso. Estamos falando de um Outro que invade por todos os poros, *invade, arde e fim*, como diz Djavan. Não é uma visita. Apesar do que, mesmo uma visita incomoda por atualizar essa presença do Outro. Por isso dizem que as visitas dão duas alegrias, quando chegam e quando vão embora.

A distância, a separação, a estabilidade da alteridade é construída, conquistada e será para sempre tensa porque deve ser continuamente mantida. Se isso é verdade para nós que contamos com o apoio da crença no Pai, imaginem para o psicótico. Essa tensão também produz a animação da vida, ela não é só “do mal”, é também uma excitação que Lacan chama gozo. O gozo da vida está numa certa distância tensa entre o eu e o Outro. Se aproximar demais: angústia, destruição. Se afastar demais: tristeza, depressão. Leiamos a simbiose de Freud dessa maneira. É a partir da presença maciça do Outro que vamos construir uma distância que nos torne seres viáveis. E como instituir alguma distância? Colocando entre nós e o Outro alguma barreira.

O que, porém, pode ser barreira se tudo o que existe vem do Outro? Lembrem-se que o Outro é a mãe, o cuidador primordial, mas mais além toda a cultura, as lentes que permitem que se possa sentir, ver, pensar. Portanto no Outro está tudo o que se sente, pensa e vê.

A resposta de Lacan será: a separação com relação a este Outro no qual estamos irremediavelmente alienados, será obtida colocando-se entre os dois algo que seja do Outro, mas que dele tenha caído. Um cobertor velho, um travesseiro, uma chupeta constituem esses objetos transicionais que são caracterizados por serem fragmentos, restos, que não são mais do Outro e que por isso passam a ser vitais para o sujeito.

Lacan radicaliza Winnicott ao chamá-los de objetos “a”, pois agora são anteriores ao próprio corpo. E qual o primeiro objeto que cai do Outro, que ele traz para a cena como alguma coisa que dele se extrai e cai pelo chão? Sua voz. Aqui entramos no tema da alucinação. A alucinação vai nos ensinar sobre essa presença do Outro e de como se constrói uma distância estável com relação a ela.

Alucinação

A mais extensa e famosa passagem de Lacan sobre o tema está nos *Escritos*, na “Questão preliminar...”⁶ Vou me ater a estas páginas, mesmo sabendo o quanto em seus Seminários, especialmente o 3 e o 5 ele aborda muito a alucinação.

Primeiro Lacan diz: *não pediremos nada a neurologia*. Ele diz: o sensório não nos interessa, *sensorium*, ele usa o termo em latim. Vamos dizer assim: “Nada pediremos ao sensório”. O que é isso? É que para a gente definir a alucinação, costuma-se dizer que é uma excitação dos órgãos do sentido sem o objeto. É como se eu visse alguém que lá não está, porque o *sensorium*, o sentido, foi excitado, mas sem ser pela causa correta, um objeto na realidade externa. A causa seria uma excitação anômala das vias aferentes do sistema nervoso central - límbico e hipotalâmico – quanto mais nomes complicados melhor – para dizer que esse troço é que ficou produzindo no cérebro falsamente uma alucinação.

Lacan está propondo outra coisa para trabalhar com a alucinação, mais de acordo com o que Freud propõe. Nós temos um jeito de lidar com a alucinação. Para a gente entender esse jeito, já adiantamos, ela é um modo de estabilizar uma distância. Mas para fazer isso não posso pensar em sensório porque isso não tem nada a ver com a presença e o Outro. Para Freud o Outro e sua presença são a causa, para a neurologia é uma coisa no hardware, na máquina, fora do sujeito, nada a ver com ele. Não parece que é uma coisa que o sujeito se apropria, trabalha com isso. Ele não tem nada com isso, eu é que tenho que livrá-lo dessa excitação anômala, só. Então a psicanálise não vai propor isso. Então, primeiro, adeus ao sensório.

Quando negamos a definição clássica, tendemos a ir para o outro lado, o lado do sujeito, a dizer que se não é o hardware, se não é uma excitação dos órgãos do sentido, anômala, então alguém a produz. Tendemos a dizer que a alucinação é uma produção da subjetividade. Como se o sujeito fizesse uma alucinação, como se diz que o sujeito resiste ou que fez um delírio. Ora, a alucinação é uma experiência tão violenta, tão em ruptura, que isso é forçar muito. O psicótico é bem mais vítima que o diretor da cena da alucinação.

O que estamos dizendo é que a premissa de base da psicanálise é: *você pode ser vítima dessa loucura que te habita, mas você vai ter que fazer alguma coisa com ela, é trabalho seu da vida*. Na verdade, o que você é já é você fazendo alguma coisa com ela. A psicanálise vai responsabilizar, mas ao mesmo tempo sem dar todos os poderes à subjetividade. Os neurologistas têm razão, os médicos têm preguiça com a gente porque a gente acha que é tudo do sujeito, fica uma coisa assim meio vaga... Nós não, nós somos maravilhosos (risos), mas dos psicólogos. A faculdade de psicologia tente a procurar sentido subjetivo para tudo o que acontece com a gente. E os médicos dizem: “não é possível, nem tudo” e aí os psicólogos dizem; “é, mas vocês também exageram” e aí pronto.

Estamos no meio do caminho. Nem um, nem outro. Nem a alucinação é do *sensorium*, nem é do *percipiens* como Lacan diz nessa página, que é o percebente. A gente está exatamente no meio dos dois e Lacan – Santo Deus! - vai nos colocar uma coisa que vai nos ajudar. Só que o que ele coloca é complicado, porque a vida é complicada! Vamos lá.

Sobre a voz, me apoiei no trabalho de J. A. Miller. Ele diz que o essencial da abordagem de Lacan não é deslocar a ênfase da máquina neuronal para a subjetividade, do objetivo para o subjetivo etc. Só fazer isso nos deixa apenas nas trevas do subjetivo. O principal, segundo ele é sustentar que a alucinação não é do neurônio, nem é do sujeito, mas que, no entanto, ela constitui o sujeito. Ela constitui uma “atribuição subjetiva” que é a expressão do Lacan.⁷

A alucinação produz um sujeito e não é um produto do sujeito. É sem sentido, mas organiza o sentido, é um fragmento bruto da presença do Outro, mas que constitui e localiza o sujeito no Outro.

Isso dá conta do fato de que é necessariamente uma fala. Por que é fala e não visual? Abram qualquer tratado de psiquiatria e todos concordam que a frequência das alucinações visuais é mínima em caso de esquizofrenia. Se você tem alguém que está com alucinação visual pense em outra coisa, não pense em esquizofrenia, pense, por exemplo, num AVC. Pensem em outra coisa, porque alucinações visuais são muito raras e tal, mas não é o comum. Aquele filme “Mente Brilhante”, por exemplo, ele vê os amiguinho e tal, mas não é o mais comum. Isso não significa que ele não diga para você que está vendo porque ele também tem dificuldade de nomear aquela coisa. Outra coisa é aquela experiência, é uma presença de uma fala e também de gente e também de coisas. Lembro de uma cena deste filme, onde ele já está mais velho, onde ele já aprendeu a lidar com as alucinações, aí vem uma aluna perguntar alguma coisa, ele vira para a parede e pergunta: “ela está aqui?”, “Você está vendo ela?” Aí a aluna fala: “estou vendo sim”. E ele: “Então eu vou conversar com você”. O que supõe a pessoa ser invadida por objetos visuais idênticos aos objetos da realidade e que não consegue fazer diferença. Não é essa a experiência do psicótico. Aquilo é um filme. E quanto mais a gente perde a tradição da psiquiatria, mas a gente perde a fineza.

Conversem com alguém num banco de jardim de uma instituição e que tem alucinação. O comum é uma presença vocal invasiva que costuma ser decodificada da seguinte maneira: “estão me xingando”, “estão falando de mim”. A alucinação tem uma presença maior, em geral, do que da realidade das pessoas, ele sabe fazer a diferença pelo menos. Não é um troço que ele tem muita dificuldade em distinguir porque a presença do Outro da alucinação, é maior, é mais radical do que a presença das pessoas da realidade. Inclusive, é isso o que Miller chama de ironia esquizofrênica. Um dia alguém me contou: “eu vejo aquelas bananinhas andando na rua ... O mundo encontra-se habitado por essas pessoinhas que não sabem o que é a vida porque eu estou em contato com algo muito maior”. E a voz do Outro é sua primeira forma de presença. Por isso, uma maneira do sujeito lidar com essa presença e essa presença é a voz de Deus.

O Imperador e a porca

Normalmente, classicamente, o que é uma alucinação? É uma voz que se ouve e que pode ou não ser fala, mas é voz. Quando é ruído, deixa de ter os poderes invocantes e invasivos da alucinação, inclusive é um índice de que as coisas vão indo melhor. Ele ouve ainda coisas, mas elas são toleráveis.

De fato, todos ouvimos o tempo todo coisas, mas como com o barulho do ar-condicionado, elas nem sempre são exigentes como a alucinação. Então é um objeto-voz, presença do Outro, que caracterizará para nós a alucinação. É o modo como o sujeito se coloca com relação a ela que conta e não o fato de ser ou não som real. E se o modo é tão brutal é porque dessa voz depende o destino do sujeito, ela pode mudar sua identidade, pois sustentará uma nova atribuição subjetiva.

Proponho, como demonstração, uma entrevista psiquiátrica com um surdo-mudo.⁸ O surdo-mudo de nascença não ouve nada, mas ouvia vozes, dizia ouvir alguém chamar ele de imperador. Fica evidente como ela nos interessa, ainda mais porque é uma entrevista numa época em que a psiquiatria levava a sério o encontro e a conversa entre dois falantes. É um surdo-mudo que escrevia, que falava perfeitamente a linguagem de sons e também de sinais nossos e o psiquiatra fez várias entrevistas com ele onde escrevia as perguntas e ele as respostas, porque ele ouvia vozes. Vou ler alguns trechos para vocês terem uma ideia:

- *Como você sabe que é chamado de imperador?*
- *Ora, me chamam por toda parte de príncipe e porque eles dizem na minha cabeça.*
- *Mas quem diz por toda parte que você é príncipe?*
- *O senhor que pergunte ao enfermeiro.*
- *Quais são essas pessoas que gritam príncipe?*
(Levanta e escreve no quadro "doentes mentais").
- *Mas por que elas gritam imperador?*
- *Olha para o lado.*
- *Onde estão as pessoas que gritam príncipe?*
- *Sobre a mesa.*
- *Você acredita verdadeiramente que tem alguém aí que grita?*
- *É a bolha de ar.*
- *O que é uma bolha de ar?*
- *Se o Sr. prefere, uma bolha de sabão.*
- *Mas você não pode ouvir, como pode ouvir sem que ninguém fale?*
- *Eu não ouço absolutamente nada quando alguém fala.*
- *No entanto você escuta alguém chamar príncipe. Como o Sr. escuta isso?*
- *Na academia de pintura eu sempre escutei alguém gritar príncipe.*
- *Mas em que linguagem o Sr. pensa? Na linguagem falada ou na linguagem dos surdos-mudos?*
- *Isso depende, os surdos-mudos não exprimem nunca por frase, é tudo abreviado e visual.*
- *Mas quando o Sr. pensa, não é sob a forma de palavras?*
- *Não, não de palavras, mas de sinais.*
- *Mas o Sr. disse que quando escutava príncipe era por pensamentos e isso é uma palavra. Esses pensamentos lhe chegam na linguagem dos surdos-mudos ou na linguagem falada?*
- *Na linguagem falada.*
- *Mas quando o Sr. reflete sobre alguma coisa, em qual dessas duas linguagens faz?*
- *Nas duas.*
- *Mas quando o Sr. escuta gritar príncipe o Sr. percebe um som?*
- *Não, apenas o ar, um sopro de ar, certamente por meios mágicos.*

Os esforços para saber se ele realmente ouviu ou só imaginou por parte do psiquiatra são divertidos. Fica claro como a presença da alucinação não passa pelo sensorio. Ele nunca ouviu a palavra imperador, nunca ouviu a palavra príncipe.

Também fica claríssimo como estas palavras alucinadas são muito mais que palavras. Lacan chama isso de um objeto vocal, mas um objeto vocal no sentido de um pedaço, um fragmento de alguma coisa que se extrai do Outro e que aí organiza tudo. O sentido delas vem em um segundo tempo, mesmo se quando o paciente conta de suas alucinações pode parecer, às vezes que é tudo junto.

Essa relação entre o objeto voz e o sentido, a posteriori, é demonstrada no célebre exemplo de Lacan no *Seminário 3*, da alucinação do significante "Porca".⁹ Porca é um pedaço que sai do

Outro, das falas do Outro, do que se ouviu, do que se leu na vida, na rádio Outro. É um fragmento que nada diz, “porca”, mas a partir daí ela localiza o sujeito. Pode ser por identificação, ou por contraposição, mas é um chumbo na malha da realidade e aí as coisas se organizam.

Vocês se lembram da cena: ela está andando vindo do salsicheiro, pensando nisso e aí ela ouve “porca”, como vindo de fora. Ela nem é porca, nem a filha do salsicheiro, nem a mulher que vem do salsicheiro, ela é isso também, mas ela é alguma coisa, como nós. Lacan deixa claro, nada de buscar um sentido profundo, dela ter sido maltratada por um açougueiro na infância, por exemplo.

Mas não é o “porca” em si que organiza. É a articulação entre o significante isolado *porca* com uma sequência de ideias, um segmento do campo do sentido, que é aqui delimitado como *eu venho do salsicheiro*. Essa frase sintetiza um fragmento da realidade que em si é uma imagem mais no caleidoscópio de acontecimentos do mundo que testemunhamos todo o tempo. Cruzando o *porca* com ele, agora temos um campo da realidade, ancorado em uma certeza fundamental. O *porca* concerne o ser do sujeito, mas o sujeito não é uma porca. Ele é aquilo que vai existir no intervalo entre o S1 “porca” e o S2 “salsicheiro”.

Eu sou marcus e sou outras coisas e é *entre* essas coisas todas que eu sou, sou um sujeito. Então, é a montagem dessas coisas que me institui como alguém, num certo enigma que vive e que busca saber quem é. Isso é o que é a estruturação de si. Não é eu ter uma identidade fixa, ao contrário, a identidade fixa é que muitas vezes é o problema.

E isso é uma rede, nem sempre é um significante único. Para ele é imperador, mas nem sempre. Às vezes é príncipe, lá na frente ele diz: todos aqui dizem *trepapar*. A linguagem está lá, alguma coisa se extrai da linguagem e no que isso se extrai isso passa a ser o referencial para organizar o mundo. É nesse sentido que a alucinação organiza um pouco as coisas. De uma maneira muito dura porque essa coisa é pesada, geralmente nomeia de um jeito muito violento. Mas é melhor ser vaca do que está invadido completamente pela presença do Outro. É melhor a presença do Outro ser “você é uma vaca” do que não ser nada porque não sendo nenhuma nomeação fixa passa a ser uma presença invasiva completa.

Para visualizar isso eu imaginaria um catatônico, alguém que passa o dia olhando para o teto. A mãe dele diz “ele é muito calminho”. Ele não é calminho, mesmo a gente sabe que ele não está lá querendo matar gente, ele está imerso na presença do Outro sem conseguir arrancar alguma coisa dessa presença que institua um mínimo espaço subjetivo. Ele fica então parado, imóvel, faz o mínimo. Assim ele tem o mínimo de contorno. Agora se ele começa a alucinar, ele ganha alguma liberdade e pode levantar da cama. Um sujeito que alucina já não é mais catatônico porque o catatônico seria esse que é completamente invadido, somente uma extensão do Outro. O próximo passo é delirar, mas isso veremos na próxima.

1 Cf. Vieira, M. A. Restos – uma introdução ao objeto lacaniano da psicanálise, Rio de Janeiro, Contra Capa, 2008, verbete “objeto”.

2 Por outro lado, temos que imediatamente dizer que apesar da estrutura marcar algo de um real da psicose temos sempre uma coisa enlouquecidamente dentro de nós, o que não significa dizer que somos todos psicóticos. É o que tem desenvolvido J. A. Miller, por exemplo, com muito rigor (cf. A orientação lacaniana, 2007-2008, inédito e ainda Laia, S. Batista, M. C. (orgs.) “Todo mundo delira”, Belo Horizonte, Scriptum, 2010.

3 Cf. Vieira, M. A. “A psicose ordinária – da ironia à invenção”, Arquivos da biblioteca n. 7. Rio de Janeiro, EBP-Rio, 2009.

4 O termo “simbólico” oscilou muito em Lacan, simbólico para Lacan era muitas vezes sinônimo de linguagem. Isso quando ele achava que o simbólico era os óculos do pai, depois ele foi largando a idéia de simbólico, não é mais só os óculos do pai, o simbólico é todo o conjunto: ônibus, número, cores, letras. Cf. por exemplo, Cf. Brousse, M. H. “Vers une nouvelle clinique psychanalytique », Mental, 15, fev. 2005, p. 36 e Cf. Gueguen, P. G. “La homéostasie symptomatique dans les psychoses”, La lettre mensuelle, n. 211, Paris, ECF, 2002.

5 Lacan, J. O Seminário livro 10: A angústia. Rio de Janeiro: JZE, 2005. Pag. 31.

6 Lacan, J. (1957-1958) De uma Questão preliminar a toda tratamento possível das psicoses, Escritos. Rio de Janeiro: JZE, 1998, pp. 537-590. As páginas essenciais para este tema são as 539, 540, 541.

7 Cf. Ibid., p. 541 e Miller, J. A. "Jacques Lacan et La voix", Quarto, revue de l'ECF-ACF em Belgique, n. 54, junho de 1994, pp. 47-52.

8 Fragmento do texto publicado em La Clinique de Göttingen. "A propos de hallucinations chez les sourds-muets malades mentaux", par A. Cramer. Introduction et traduction de Jacques-Adam. Analytica, volume 28, pp. 3-28.

9 Lacan, J. Cf. Lacan, J., 1988, p. 540 e seguintes e O Seminário 3: As psicoses. Rio de Janeiro: JZE, 1985, p. 59 e seguintes.